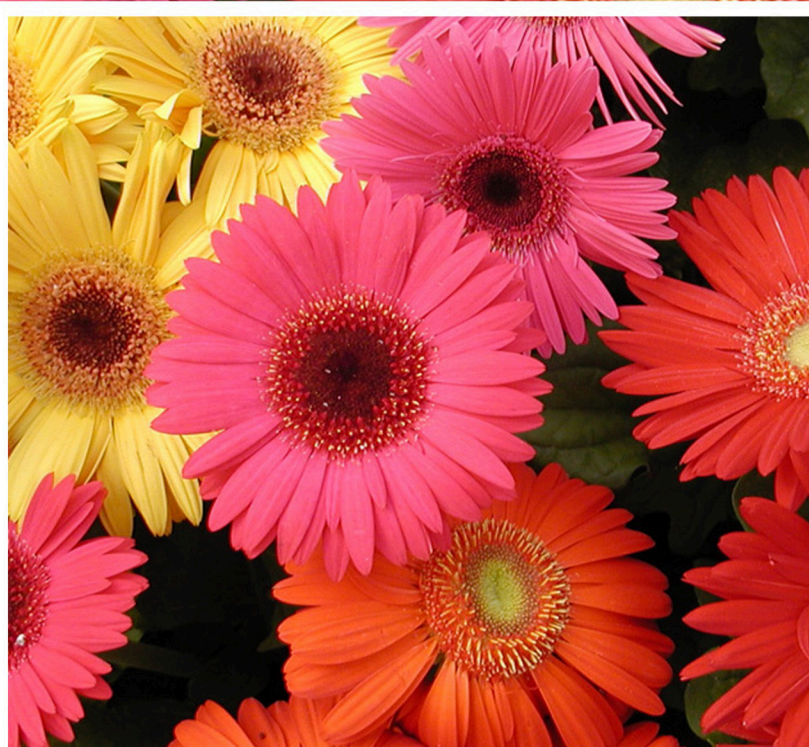


Floricultura e Cultivo Comercial de Flores de Corte no Rio Grande do Sul Meridional





Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Clima Temperado
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

ISSN 1806-9193

Dezembro, 2007

versão

ON LINE

Documentos 201

Floricultura e Cultivo Comercial de Flores de Corte no Rio Grande do Sul Meridional

Elisabeth Regina Tempel Stumpf
Rosa Lia Barbieri
Síntia Zitzke Fischer
Gustavo Heiden

Pelotas, RS
2007

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

Embrapa Clima Temperado
Endereço: BR 392 km 78
Caixa Postal 403 - Pelotas, RS
Fone: (53) 3275 8199
Fax: (53) 3275-8219 / 3275-8221
Home page: www.cpact.embrapa.br
E-mail: sac@cpact.embrapa.br

Comitê de Publicações da Unidade

Presidente: Walkyria Bueno Scivittaro
Secretária-Executiva: Joseane M. Lopes Garcia
Membros: Cláudio Alberto Souza da Silva, Lígia Margareth Cantarelli Pegoraro, Isabel Helena Vernetti Azambuja, Luís Antônio Suita de Castro, Sadi Macedo Sapper, Regina das Graças V. dos Santos
Suplentes: Daniela Lopes Leite e Luís Eduardo Corrêa Antunes

Revisores de texto: Sadi Macedo Sapper
Normalização bibliográfica: Regina das Graças Vasconcelos dos Santos
Edição eletrônica: Oscar Castro
Arte da capa: Miguel Ângelo (estagiário)
Composição e impressão: Embrapa Clima Temperado

1ª edição

1ª impressão 2007: 50 exemplares

Todos os direitos reservados

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei no 9.610).

Floricultura e cultivo comercial de flores de corte no Rio Grande do Sul
Meridional / Elisabeth Regina Tempel Stumpf ... [et al.]. -- Pelotas: Embrapa
Clima Temperado, 2007.
26 p. -- (Embrapa Clima Temperado. Documentos, 201).

ISSN 1516-8840

Flor - Planta ornamental - Produção - COREDE-SUL. I. Stumpf,
Elisabeth Regina Tempel. II. Série.

CDD 635.9

Autores

Elisabeth Regina Tempel Stumpf
Eng. Agrôn., Dra.
UFPeI
(elisabeth.stumpf@gmail.com)

Rosa Lia Barbieri
Bióloga, Dra.
Genética e Biologia Molecular
Embrapa Clima Temperado
Cx. Postal 403, CEP 96001-970 Pelotas, RS
(barbieri@cpact.embrapa.br)

Síntia Zitzke Fischer
Eng. Agrôn., M.Sc.
UFPeI
(sintiafischer@gmail.com)

Gustavo Heiden
Biólogo, Mestrando do Programa de Pós-
Graduação em Botânica
Escola Nacional de Botânica Tropical
Rio de Janeiro, RJ
(gustavo.heidem@gmail.com)

Apresentação

No ano de 2005, a Embrapa Clima Temperado apresentou os resultados de detalhado levantamento sobre a produção de flores e plantas ornamentais em municípios dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento Sul e Centro-Sul.

Os resultados de então mostraram que a Floricultura é uma atividade agrícola que deve ser considerada em programas de desenvolvimento da região Sul, pelos benefícios sociais e econômicos que gera em todos os elos de sua cadeia produtiva.

Este documento mostra uma atualização dos dados a respeito do setor produtivo da Floricultura, englobando o período de 2004 a 2006, e apresenta uma avaliação específica da produção de flores de corte nos municípios que fazem parte do Corede Sul, servindo como base para ações de fomento e qualificação da Floricultura regional.

João Carlos Costa Gomes

Chefe-Geral
Embrapa Clima Temperado

Sumário

Floricultura e Cultivo Comercial de Flores de Corte no Rio Grande do Sul Meridional	9
Introdução	9
A evolução da Floricultura no Corede Sul entre 2004 e 2006	12
Área ocupada e sistemas de produção	15
Mão-de-obra	16
Principais cultivos e tendências	17
Comercialização	20
Dificuldades na produção	20
Flores de corte	22
Referências bibliográficas	24

Floricultura e Cultivo Comercial de Flores de Corte no Rio Grande do Sul Meridional

Elisabeth Regina Tempel Stumpf

Rosa Lia Barbieri

Síntia Zitzke Fischer

Gustavo Heiden

Introdução

A cadeia produtiva da Floricultura envolve, entre outros segmentos, o da produção, responsável pelo cultivo de plantas e flores para diferentes finalidades ornamentais e estéticas. Os itens produzidos são agrupados em diversas categorias, das quais se destacam as plantas para paisagismo, as floríferas e folhagens em vasos, e as flores e folhagens de corte (XIA et al., 2006).

As flores de corte, comercializadas para uso na arte floral, devido aos seus atributos estéticos, podem ser definidas como sendo a parte de uma planta que contém, necessariamente, flores ou inflorescências, além de outras partes como ramos, folhas ou frutos. Elas acompanham o homem desde as antigas civilizações, mesmo antes da Era Cristã (HILLIER, 2000), e ainda hoje são usadas, com propósitos decorativos ou para a expressão de sentimentos, em arranjos florais, em decorações (BONARRIVA, 2003) e como presente diferenciado (PARLEVLIET & STORER, 2001).

O cultivo de flores de corte no Brasil, como atividade específica e em escala comercial, foi iniciado somente nos anos 50, mas ainda apenas para abastecer o mercado local nas principais

datas comemorativas, como Dia das Mães e Finados (CLARO, 1998). Castro (1998) menciona que a Floricultura nacional manteve-se pouco desenvolvida, precariamente tecnicizada e com baixo nível de profissionalismo até os anos 60, quando imigrantes alemães, italianos, holandeses e japoneses contribuíram para seu crescimento e organização. A partir de então, o setor tomou impulso, principalmente devido às novas técnicas de produção trazidas pelos holandeses, e que fortaleceram as empresas produtoras (SAKAMOTO, 2005). Atualmente, existem cerca de 10 mil produtores de flores e plantas ornamentais em todo o País, sendo que 13% dos 20 mil hectares ocupados pela Floricultura são destinados à produção de flores de corte (informação verbal)¹.

A Floricultura é um dos setores agrícolas capazes de aumentar a geração de divisas, de promover uma rápida inclusão de trabalhadores da cadeia produtiva no mercado (IBGE, 2004) e agir igualmente como multiplicador de empregos (TOMÉ, 2004). Sakamoto (2005) acrescenta que a atividade possui importância econômica e social por promover o desenvolvimento tecnológico na agricultura e por contribuir para a melhoria do nível social regional. Apesar disso, Tomé (2004) alerta para a escassez de pesquisa nacional na área, talvez pelo fato da Floricultura ter se desenvolvido inicialmente, e por muitos anos, como atividade paralela a outras cadeias produtivas agrícolas. Kiyuna et al. (2004) ressaltam ainda que as poucas estatísticas sobre o setor no Brasil são, muitas vezes, desorganizadas e contraditórias, e que a carência de dados bem estabelecidos, recentes e detalhados, prejudica a definição do perfil da Floricultura brasileira.

Posicionado entre os principais pólos da Floricultura nacional (KIYUNA et al., 2004), o Rio Grande do Sul apresentava, em 2000, perto de 560 produtores, em 133 municípios de diferentes

¹Informação fornecida por A. KÄMPF, em palestra proferida em Conferências UERGS sobre Floricultura: diversificação da matriz produtiva no RS, em Cachoeira do Sul, RS, abril de 2006.

regiões. No mesmo ano, foram localizados 11 produtores no Corede Sul (DAUDT, 2002), região que compreende 22 municípios do Sul do Estado, em uma área de mais de 35 mil km² (FEE, 2006). Em 2004, outra pesquisa indicou a existência de 29 produtores nesta mesma região, mostrando um incremento de 164% no número de produtores, em apenas quatro anos. Na ocasião foi constatada ainda a aptidão especial para a produção de flores e folhagens de corte, cultivadas por 60% dos floricultores (STUMPF et al., 2005).

A fim de acompanhar a situação da atividade, para servir de subsídio a ações voltadas ao seu fortalecimento, o presente trabalho visa fornecer dados atualizados da Floricultura nos municípios do Corede Sul a partir de 2004 e a avaliar a situação atual do cultivo comercial de flores de corte na mesma região.

Os dados foram obtidos através de entrevistas junto a produtores de flores e plantas ornamentais estabelecidos na área de abrangência do Corede Sul (Conselho Regional de Desenvolvimento Sul), uma das 24 regiões delimitadas no Rio Grande do Sul como forma de estimular o desenvolvimento socioeconômico sustentável (DeTONI & KLARMANN, 2002; REIS, 2005).

Inicialmente foi feito um cadastro contendo o nome e o contato dos floricultores localizados na região do Corede Sul em 2004 (STUMPF et al., 2005) e de produtores indicados pela Associação de Floricultura da Região Sul do Rio Grande do Sul (Flores do Sul) e pelos próprios entrevistados. Fizem parte da pesquisa apenas os produtores que se dedicam à produção de flores e plantas ornamentais durante todo o ano.

O roteiro de entrevistas continha questões relacionadas à área e sistemas de produção, à demanda e tipo de mão-de-obra empregada, aos produtos cultivados e à comercialização. O procedimento de coleta de dados foi efetuado entre junho e agosto de 2006. O preenchimento dos roteiros foi efetuado

diretamente com os produtores cadastrados na etapa inicial deste trabalho, via telefone ou *in situ*.

Logo após o término das entrevistas, foi feita a tabulação dos dados, com o auxílio de planilha eletrônica. A interpretação desses dados serviu para subsidiar o estudo do desempenho do setor produtivo de flores e plantas ornamentais no Corede Sul entre 2004 e 2006.

Devido à vocação regional para a produção de flores de corte (STUMPF et al., 2005), procedeu-se à seleção dos roteiros de entrevistas feitos com esse grupo de produtores. Esta etapa do trabalho caracterizou-se pela compilação dos dados relacionados apenas à produção de flores de corte, exclusivamente ou em conjunto com outras categorias de cultivo, a fim de avaliar a situação atual deste segmento na região em estudo. As variáveis levantadas foram igualmente qualitativas e serviram para dar subsídio à caracterização da produção regional de flores de corte no ano de 2006.

A evolução da Floricultura no Corede Sul entre 2004 e 2006

Na etapa inicial do trabalho foram localizados 38 produtores de flores e plantas ornamentais em nove dos 22 municípios da região do Corede Sul (Tabela 1). Desses, quatro são hortos dos municípios de Pelotas, Rio Grande, Santa Vitória do Palmar e Jaguarão e, embora fizessem parte do cadastro inicial, não foram incluídos nas etapas posteriores do trabalho, por não visarem à comercialização dos produtos. Sendo assim, a pesquisa envolveu, de fato, um total de 34 produtores voltados ao cultivo comercial de flores e plantas ornamentais, em seis municípios da região do Corede Sul. Nos demais municípios, não foram localizadas propriedades dedicadas à Floricultura.

Comparando os dados atuais com os arrolados em 2004 (STUMPF et al., 2005), foi observado não apenas o incremento no número de produtores, que passou de 29 para 38, mas

também no número de municípios que investem na atividade, com a inclusão de São Lourenço do Sul e Pinheiro Machado (Tabela 1).

Tabela 1. Municípios e número de produtores envolvidos com a produção de flores e plantas ornamentais na região do Corede Sul nos anos de 2004 e 2006, e a variação no número de produtores em 2006 em relação a 2004.

Municípios envolvidos com a Floricultura	Número de produtores		Variação
	2004	2006	
Pelotas	17*	25*	+8
Capão do Leão	5	3	-2
Morro Redondo	2	3	+1
Rio Grande	2*	3*	+1
Santa Vitória do Palmar	1*	1*	0
Jaguarão	1*	1*	0
Canguçu	1	0	-1
São Lourenço do Sul	0	1	+1
Pinheiro Machado	0	1	+1
Total	29	38	+9

* uma das unidades de produção pertence à administração municipal (horto municipal).

O mapeamento de 2006 mostrou que nove produtores ingressaram na atividade desde 2004, sendo que seis deles iniciaram o cultivo de flores e plantas ornamentais há menos de 12 meses (STUMPF et al., 2005). Ainda com relação ao tempo dedicado à atividade, foi confirmado que 56% dos produtores trabalham no setor há mais de seis anos, sugerindo que a Floricultura é uma atividade consolidada na região. Ainda assim, é possível afirmar que ela é pouco representativa como atividade econômica na maioria dos municípios, já que a quase totalidade deles contém apenas entre um e três produtores (Tabela 1).

A variação negativa verificada no número de produtores envolvidos com a Floricultura em dois municípios (Capão do Leão e Canguçu) ocorreu por razões diferentes. Duas unidades de produção do município de Capão do Leão foram transferidas para Pelotas, uma por parceria firmada com produtor desse município e outra por melhor adequação da área para o cultivo pretendido. Em Canguçu, o produtor que se dedicava há 15 anos ao cultivo de flores de corte em estufa (STUMPF et al., 2005), decidiu investir em sua principal atividade, a produção de uvas de mesa, abandonando em definitivo a Floricultura.

Na Ilha dos Marinheiros, município de Rio Grande, foram localizados 14 agricultores que produzem flores de corte há mais de 20 anos, com o objetivo de abastecer o mercado dos municípios de Rio Grande e São José do Norte apenas na época de Finados. O contato com este grupo de produtores somente no ano de 2006 mostra a dificuldade enfrentada pela pesquisa em localizar todos os produtores de uma região e, em especial, os que têm suas áreas de produção em lugares de difícil acesso. Só um desses produtores cultiva flores durante todo o ano e, por esse motivo, ele foi o único a integrar esta pesquisa.

O município de Pelotas, que concentra 70,6% dos floricultores (24 unidades de produção), continua se destacando como pólo regional de Floricultura, segundo critério utilizado por Daudt (2002), que estabeleceu um número mínimo de dez unidades produtivas para determinar os principais municípios produtores do Estado. Sartor (2001) explica que uma das razões que contribuem para que um município apresente maior densidade de produtores é a sua distância até os principais mercados consumidores. Neste sentido, o conceito é adequado para Pelotas, que possui o maior número de habitantes (aproximadamente 335 mil habitantes) dentre os municípios do Corede Sul, com 95% de sua população concentrada na zona urbana (FEE, 2006), o que revela um bom potencial de consumo. Além disso, o município diferencia-se pelo elevado número de clubes sociais e de cursos de nível superior e técnico existentes, os quais promovem solenidades e eventos durante

todo o ano, fomentando, principalmente, a demanda por flores e folhagens de corte.

Área ocupada e sistemas de produção

Com base em 33 respostas obtidas, foi possível constatar que a área total ocupada com a produção comercial de flores e plantas ornamentais em 2006 é de 20 hectares. Com áreas que variam desde 70m² até 35.000m², o módulo médio ocupado com a Floricultura nos municípios pesquisados resulta em 0,6 hectares. Em 2004, no entanto, a Floricultura ocupava uma área total superior à observada atualmente. Naquele ano, as 25 propriedades ocupavam 21 hectares, resultando em um módulo médio de 0,8 hectares por unidade de produção. É possível que a diferença observada nesses dois anos deva-se a um maior investimento em tecnologia de produção, com aumento no uso de sistemas intensivos de cultivo, sob estufas plásticas e/ou telados. Isso de fato se confirma, visto que o cultivo sob estufas é adotado por 21 dos 33 produtores (64%), sendo que nove deles utilizam somente este sistema e os demais utilizam também o cultivo a campo e sob telados (Tabela 2).

Em 2004, 15 dos 25 produtores (60%), incluindo o que abandonou a atividade, utilizavam o cultivo sob estufas, cinco exclusivamente e os demais em sistema misto. A constatação é reforçada quando analisados, isoladamente, os sistemas de produção utilizados pelos nove produtores que ingressaram na atividade há menos de dois anos. Foi evidenciado que destes nove, sete implantaram seu cultivo prioritariamente sob estufas (87%), sendo que cinco só produzem nesse sistema. Somente um cultiva a campo (6,6%), enquanto que o produtor de São Lourenço do Sul não respondeu à questão. Essa mesma tendência nos sistemas de cultivo foi verificada por Daudt (2002), que constatou que a Floricultura gaúcha vem apresentando um aumento gradual da área plantada em ambiente protegido. Como o grau de modernização de uma área de produção é medido pelo uso de diferentes tecnologias (AKI & PEROSA, 2002), é possível deduzir que o setor produtivo

da Floricultura regional começa a se profissionalizar, investindo em tecnologias de produção a fim de alcançar a qualidade dos produtos, especialmente fragilizados frente às características climáticas da região.

Tabela 2. Sistemas de produção de flores e plantas ornamentais utilizados pelos floricultores dos municípios da região do Corede Sul em 2004 e 2006.

Sistema de produção	Número de produtores por município									
	Pelotas		Capão do Leão		Morro Redondo		Rio Grande		Pinheiro Machado	
	2004	2006	2004	2006	2004	2006	2004	2006	2004	2006
Campo	6	5	-	-	1	2	1	2	-	-
Campo+ telado	2	3	-	-	-	-	-	-	-	-
Estufa	3	8	1	-	-	-	-	-	-	1
Estufa+telado	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-
Estufa+ campo	4	6	2	1	-	-	-	-	-	-
Estufa+ campo+ telado	1	2	2	2	-	1	-	-	-	-
Total	16	24	5	3	2	3	1	2	0	1

Mão-de-obra

Sobre o tipo de mão-de-obra envolvida nas áreas de produção, a partir de 32 respostas obtidas em 2006, foi constatado que a família é a única força de trabalho empregada em 50% dessas propriedades. As outras 16 empregam funcionários fixos e/ou temporários, sendo que seis dessas utilizam conjuntamente a mão-de-obra familiar. Em 2004, 12 de 21 propriedades (57%) contavam somente com a mão-de-obra familiar para o cultivo e, em outras três, familiares trabalhavam junto com os funcionários contratados. É possível constatar, portanto, que o número de propriedades que não contam com outro tipo de trabalhadores, senão os familiares, mostrou ligeiro declínio nesses dois anos. A redução do cunho familiar da atividade na

região reforça a tendência de profissionalização da atividade e sua importância socioeconômica. Os resultados encontrados nesses dois levantamentos são superiores ao verificado no Rio Grande do Sul em 2000, quando 45% das propriedades cadastradas utilizavam mão-de-obra familiar (DAUDT, 2002).

O número de indivíduos do sexo masculino que trabalha atualmente com a produção de flores e plantas ornamentais em 28 propriedades é superior ao do sexo feminino, sendo 39 e 21, respectivamente. Com um total de 60 trabalhadores no setor produtivo, a relação entre esse número e a área total cultivada nessas 28 propriedades, resulta em quatro empregos por hectare, igualando-se à média do Estado no ano 2000 (DAUDT, 2002). Em 2004 apenas 16 produtores informaram o número de pessoas dedicadas ao cultivo de flores e plantas em suas propriedades. A partir das respostas fornecidas foi constatado um total de 38 trabalhadores (28 homens e 10 mulheres) no setor produtivo, o que resultou em 2,8 empregos por hectare. O aumento verificado no número de empregos gerados pela atividade no espaço de dois anos confirma seus benefícios para o desenvolvimento regional (IBGE, 2004).

Principais cultivos e tendências

Para catalogar e organizar os produtos cultivados na região do Corede Sul (Tabela 3) foi utilizada a classificação proposta por Stumpf et al. (2005):

1. flores e folhagens de corte - cultivo de plantas com o objetivo de comercializar suas flores, inflorescências, ramos ou folhas;
2. plantas em vasos - cultivo de plantas floríferas ou de folhagens, em recipientes, incluindo cactos, suculentas, mini-plantas e bonsais;
3. caixaria - cultivo de plantas de porte baixo, comercializadas em caixas de madeira contendo 15 mudas;
4. plantas para paisagismo - cultivo de árvores, arbustos ou grama;

5. diversas categorias - quando é cultivada mais de uma categoria de produtos na mesma área de produção.

Considerando também os produtores que diversificam a produção, foi verificado que as flores e folhagens de corte são atualmente produzidas por um total de 20 floricultores, as plantas em vasos por oito, as caixarias por sete e as plantas para paisagismo por seis floricultores.

Os resultados apresentados na Tabela 3 mostram que 80% dos produtores buscam a especialização em uma determinada categoria de cultivo, enquanto os demais ainda apostam na diversificação da produção. Ao comparar com os resultados obtidos em 2004 (Tabela 4), verifica-se que a especialização é mais outra tendência da floricultura regional, que, assim como a do restante do Brasil, busca a profissionalização da cadeia produtiva, pela máxima especialização de cada um de seus elos (CASTRO, 1998). Há dois anos, 72% dos produtores eram especializados e 28% cultivavam diferentes categorias de produtos (Tabela 4). Daudt (2002) já havia apurado, em 2000, a mesma situação em todo o Rio Grande do Sul, quando poucas eram as unidades de produção que se dedicavam a mais de uma categoria de cultivo.

Tabela 3. Categorias de produtos cultivados pelos floricultores nos municípios da região do Corede Sul em 2006.

Categoria de produtos	Número de produtores por município						Total
	Pelotas	Capão do Leão	Morro Redondo	Rio Grande	São Lourenço do Sul	Pinheiro Machado	
Flores e folhagens de corte	12	-	2	2	-	-	16
Plantas em vasos	3	1	-	-	-	1	5
Caixaria	3	-	-	-	1	-	4
Plantas para paisagismo	1	1	-	-	-	-	2
Diversas categorias	5	1	1	-	-	-	7
Total	24	3	3	2	1	1	34

Tabela 4 . Número de produtores por categoria de produtos e percentual de participação de cada uma delas dentro do total cultivado nos municípios da região do Corede Sul nos anos de 2004 e 2006.

Categoria de produtos	2004		2006	
	Número de produtores	%	Número de produtores	%
Flores e folhagens de corte	12	48	16	47
Plantas em vasos	2	8	5	15
Caixaria	2	8	4	12
Plantas para paisagismo	2	8	2	6
Diversas categorias	7	28	7	20
Total	25	100	34	100

Das plantas cultivadas em vasos, continuam a ter destaque os gerânios (*Pelargonium* sp.), as folhagens, os cactos, as suculentas (em tamanho natural ou miniaturizadas, cultivadas em vasos com 2 cm de diâmetro), os amarílis (*Hippeastrum* sp.), as primulas (*Primula* sp.), as fúcsias (*Fuchsia* sp.) e os bonsais e pré-bonsais. As gérberas (*Gerbera jamesonii*) em vasos surgem como uma das novidades da produção local em 2006, enquanto que os lírios (*Lillium* sp.), as azaléias (*Rhododendron* sp.) e os lisiantos (*Eustoma grandiflorum*) deixaram de ser produzidos. Os lisiantos, no entanto, passaram a ser produzidos como flor de corte, por um diferente produtor.

As principais plantas de caixaria cultivadas continuam sendo as espécies anuais, mas espécies perenes, como a grama-preta (*Ophiopogon japonicus*) e o pingo-de-ouro (*Duranta repens*), também são produzidas. As coníferas, as bromélias, as palmeiras e as árvores nativas da região sul continuam entre as plantas para paisagismo mais cultivadas.

Comercialização

Para os floricultores da região do Corede Sul, desde 2004 os principais canais de comercialização são o varejo (floriculturas) e o consumidor final. Apenas três produtores não vendem para os consumidores finais, sendo que um entrega exclusivamente para floriculturas e caminhões atacadistas, tendo, nesse caso, suas plantas distribuídas para outras regiões do Estado.

Dificuldades na produção

Um dos maiores problemas enfrentados pelos floricultores continua sendo a comercialização (STUMPF et al., 2005), principalmente por causa da inadimplência dos compradores, da concorrência com produtos de outras regiões e da pouca valorização do produto regional. Entretanto, segundo os produtores, essa situação vem mudando de forma gradativa, não apenas devido à maior durabilidade dos produtos locais, atestada pelos consumidores, mas também pela possibilidade dos clientes terem suas encomendas atendidas quase que imediatamente após o pedido.

Desde 2004, o custo da mão-de-obra vem sendo apontado como o fator que mais afeta o custo da produção, e talvez por isso muitas propriedades ainda façam uso da mão-de-obra familiar, como forma de amenizar as despesas.

Em 2006, 13 floricultores fizeram referência ao custo do transporte como outro fator que encarece a produção, devido ao deslocamento desde as áreas de produção até os clientes, localizados, em sua maioria na área central de Pelotas. Seis deles mantêm a produção na zona rural deste município, quatro em seu entorno e três na zona rural dos municípios de Capão do Leão e Morro Redondo. Visto que essas distâncias são geralmente inferiores a 40 km, é possível que o problema esteja relacionado ao baixo volume da produção e ao valor que os produtos alcançam no mercado. Além disso, as entregas ainda são feitas de forma individual, várias vezes

na semana, potencializando o gasto com distribuição. Essa entrega pulverizada termina por causar transtornos também aos compradores, que são obrigados a parar suas atividades a cada vez que recebem os diversos produtores. A distribuição conjunta é um dos caminhos para escoar mais fácil e rapidamente os produtos e para atender melhor os clientes. Foi pela incompatibilidade entre os gastos com a distribuição, a elevação constante do preço dos insumos e a estabilidade no valor de venda de seu produto, que o maior fornecedor de caixarias da região, localizado a cerca de 30 km do centro de Pelotas, abandonou a atividade poucos meses após esta pesquisa, deixando uma lacuna que os demais produtores não estavam preparados para preencher.

A carência de assistência técnica e de mão-de-obra especializada e disponível são problemas que os floricultores da região enfrentam há bastante tempo (STUMPF et al., 2005). Pesquisa publicada por Kämpf e Nunes (1987) alertava, já em 1987, para a necessidade de capacitação de extensionistas rurais gaúchos na área da Floricultura. Há três anos Padula, Kämpf e Slongo (2003) destacavam a falta de assistência técnica e o baixo nível de capacitação da mão-de-obra utilizada na Floricultura do Rio Grande do Sul como problemas ainda sem solução. Em 2004 foi constatado que apenas 18% dos floricultores (quatro entre 22 produtores) do Corede Sul recebiam assistência técnica especializada. Em 2006, o percentual de floricultores assistidos tecnicamente subiu para 47% (16 entre 34 floricultores). O aumento no número de pessoas que recebem orientação técnica em suas áreas de produção é resultado da decisão de alguns poucos profissionais da Agronomia em direcionar seu trabalho para esta atividade. No entanto, os técnicos responsáveis pela assistência técnica na região (EMATER/RS) não estão preparados para orientar os floricultores e esta é uma perspectiva que não será concretizada a curto ou médio prazo (informação verbal)².

²Informação fornecida por Clóvis R. C. Victória, gerente regional de Pelotas, Emater/RS.

Flores de corte

A vocação regional para a produção de flores de corte foi mais uma vez confirmada, validando o trabalho de Stumpf et al. (2005). Em 2004, um total de 16 floricultores dedicava-se ao cultivo de flores de corte, 12 exclusivamente e outros quatro juntamente com plantas em vasos. Os dados atuais mostram 20 produtores envolvidos com o cultivo de flores de corte, sendo que 16 produzem somente esta categoria de produtos.

As espécies de flores de corte produzidas pelo maior número de produtores nos municípios da região do Corede Sul em 2006 estão listadas na Tabela 5.

Tabela 5. Principais espécies de flores de corte cultivadas e número de produtores, por município, na região do Corede Sul em 2006.

Flores de corte	Número de produtores por município				Total
	Pelotas	Capão do Leão	Morro Redondo	Rio Grande	
Rosa (<i>Rosa</i> sp.)	6	-	1	-	7
Estatice (<i>Limonium sinuatum</i>)	3	-	-	1	4
Estrelízia (<i>Strelitzia reginae</i>)	2	-	1	-	3
Gladiolo (<i>Gladiolus</i> sp.)	2	-	-	1	3
Copo-de-leite (<i>Zantedeschia aethiopica</i>)	3	-	-	-	3
Boca-de-leão (<i>Anthriscum majus</i>)	-	1	-	1	2
Crisântemo (<i>Dendranthema grandiflora</i>)	1	-	-	1	2
Gipsofila (<i>Gypsophila paniculata</i>)	1	1	-	-	2
Agapanto (<i>Agapanthus africanus</i>)	2	-	-	-	2
Latifolia (<i>Limonium latifolium</i>)	-	1	-	-	1
Gérbera (<i>Gerbera jamesonii</i>)	1	-	-	-	1
Calla (<i>Zantedeschia</i> spp.)	1	-	-	-	1
Antúrio (<i>Anthurium</i> sp.)	1	-	-	-	1
Lisiantus (<i>Eustoma grandiflorum</i>)	1	-	-	-	1
Girassol (<i>Helianthus annuus</i>)	1	-	-	-	1

A pesquisa permitiu observar que flores de corte configuram o investimento mais procurado pelos produtores, e que aqueles que as cultivam há menos tempo buscam maior investimento em tecnologia. Dos 15 produtores que estão na atividade há menos de seis anos, oito investem na produção de flores de corte, sendo que as estufas são utilizadas por sete deles. O oitavo floricultor produz "a campo", por ser o sistema mais adequado à espécie escolhida (estrelíztias). Em contrapartida, foi constatado que, dos nove que produzem flores há mais de 12 anos, apenas três utilizam o cultivo protegido, um desses mesclando também o cultivo sob telado e o cultivo não protegido.

A área atualmente utilizada para a produção de flores de corte é de 10,8 hectares, o que corresponde a 54% da área total ocupada com a produção regional de flores e plantas ornamentais. Deste total, a produção a campo ocupa 6,4 ha, as estufas, 0,8 ha, e os sistemas mistos de cultivo são utilizados em 3,6 ha.

Em 6,5 hectares, correspondente à área dos 15 entrevistados que forneceram a informação, existe uma demanda de 33 pessoas para o cultivo de flores de corte, resultando no emprego de 5 pessoas/hectare, superior à média regional para o total de produtos cultivados em 2006 (quatro pessoas/hectare). A mão-de-obra masculina, 23 pessoas, é mais utilizada do que a feminina. Também a utilização de mão-de-obra familiar mostra grande expressão para este tipo de cultivo. Em 53% das propriedades trabalham somente pessoas da família e, em 16%, funcionários contratados auxiliam a família na produção.

O cultivo de rosas de corte é o que mais atrai os produtores dos municípios pesquisados (Tabela 5). Ao todo, existem sete produtores dessa espécie, correspondendo a 35% do total de produtores de flores. Os cerca de 3 hectares destinados ao cultivo de rosas equivalem a mais de 27% da área total ocupada pela produção de flores de corte. O cultivo em estufas é utilizado por cinco produtores, sendo que um deles

complementa sua produção com o cultivo a campo. O cultivo dessa espécie, exclusivamente a campo, é praticado por dois produtores, um do município de Pelotas e outro de Morro Redondo. No total, para a produção de rosas, são utilizados cerca de 0,5 hectares de estufas, enquanto que o cultivo a campo ocupa 2,5 hectares.

Em estufas são também produzidas as gipsofilas, os lisiantos, as gérberas, as callas, as latifólias, os crisântemos e as bocas-de-leão. As duas últimas espécies são também cultivadas a campo, mas por distintos produtores. Sob telados e estufas, são produzidos os antúrios e, exclusivamente a campo, o girassol, as estrelízias, os agapantos, os copos-de-leite, as estatices e os gladiólos.

Os girassóis e os antúrios com cores variadas, as gérberas para corte produzidas em vasos, as callas, os lisiantos e as latifólias foram inseridos nos sistemas de produção dos municípios do Corede Sul e surgem como novidades na Floricultura regional. A maior diversidade na produção de flores de corte observada depois de 2004 sugere uma mudança na preferência dos consumidores, que se mostram mais receptivos a novidades do que em anos anteriores.

Referências bibliográficas

AKI, A.; PEROSA, J. M. Y. Aspectos da produção e consumo de flores e plantas ornamentais no Brasil. *Revista Brasileira de Horticultura Ornamental*, Campinas, v. 8, n. 1/2, p. 13-23, 2002.

BONARRIVA, J. Industry trade and summary: cut flowers. Washington: United States International Trade Commission Publication, 2003. 45 p.

CASTRO, C. E. F. Cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais. *Revista Brasileira de Horticultura Ornamental*, Campinas, v. 4, n.1/2, p. 1-46, 1998.

CLARO, D.P. Análise do Complexo Agroindustrial das Flores do Brasil, 1998. 103 p. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 1998.

DAUDT, R.H.S. Censo da produção de flores e plantas ornamentais no Rio Grande do Sul/Brasil na virada do milênio. 2002. 124 p. Dissertação (Mestrado em Fitotecnia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

DE TONI, J.S.; KLARMANN, H. Regionalização e planejamento: reflexões metodológicas e gerenciais sobre a experiência gaúcha. Revista Ensaios (FEE), Porto Alegre, v. 1, p. 517-538, 2002.

FEE - Fundação de Economia e Estatística. Coredes. Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_coredes.php>. Acesso em: 29 out. 2006.

HILLIER, M. Flowers: the book of floral design. London: Dorling Kindersley Book, 2000. 468 p.

IBGE. Caracterização do setor produtivo de flores e plantas ornamentais no Brasil: 1995-1996. Rio de Janeiro, 2004. 78 p.

KÄMPF, A. N.; NUNES, G. P. A produção de plantas ornamentais no Rio Grande do Sul. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FLORICULTURA E PLANTAS ORNAMENTAIS, 6., 1987, Campinas. Anais... Campinas: IAC, 1987. p. 31-36.

KIYUNA, K.; FRANCISCO, V. L. F. S.; COELHO, P. J.; CASER, D.V.; ASSUMPCÃO, R.; ÂNGELO, J. A. Floricultura brasileira no início do século XXI: o perfil do produtor. Informações Econômicas, São Paulo, v. 34, n. 4, p. 14-32, 2004.

PADULA, A. D.; KÄMPF, A. N.; SLONGO, L. A. Diagnóstico da cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Sebrae-RS, 2003. 159 p.

PARLEVIET, G.; STORER, C. E. Flowers - Giving the Market What it Wants, Farmnote, Sydney, n. 96, 2001. Disponível em: <<http://agpsprv34.agric.wa.gov.au/agency/pubns/farmnote/2004/index.htm>.> Acesso em: 16 abr. 2005.

REIS, C. N. Exclusão social e atividade produtiva: a dinâmica socioeconômica dos Coredes do Estado do Rio Grande do Sul. Análise, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 45-65, 2005.

SAKAMOTO, N. M. Sazonalidade, refrigeração e diferentes tipos de recobrimento na conservação pós-colheita de estacas de cordilíne (*Cordyline rubra* Hügel). 2005. 63 p. Dissertação (Mestrado em Fitotecnia) - Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2005.

SARTOR, J. Cadeia de flores e plantas ornamentais de jardim de Pareci Novo – Rio Grande do Sul. 2001. 112 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

STUMPF, E. R. T.; FISCHER, S. Z.; BARBIERI, R. L.; GARRASTAZÚ, M. C. O setor produtivo de flores e plantas ornamentais nos Coredes Sul e Centro-Sul do Rio Grande do Sul. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2005. 26 p. (Embrapa Clima Temperado. Documentos, 145).

TOMÉ, L. M. Avaliação do desempenho logístico-operacional de empresas no setor da floricultura: um estudo de caso no Ceará. 2004. 163 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Transportes) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

XIA, Y.; DENG, X.; ZHOU, P.; SHIMA, K.; SILVA, J. A. T. The world floriculture industry: dynamics of production and market. In: SILVA, J. A. T. (Org.). Floriculture, ornamental and plant biotechnology. Londres: Global Science Books, 2006. v. 4, p. 336-347.



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro de Pesquisa Agropecuária de Clima Temperado
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
BR 392 km 78 - 96001-970 Pelotas RS Cx. Postal 403
Fone (53) 3275-8100 Fax (53) 3275-8221
www.cpact.embrapa.br
sac@cpact.embrapa.br



**Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento**

